

## Primeiro registro fotográfico do desenvolvimento de ninhegos de tapaculo-de-colarinho

Categories : [Eco - Extras](#)

**(*Melanopareia torquata*) (Aves: Melanopareiidae)**

Texto: Mieko Ferreira Kanegae<sup>1</sup> e Marina Telles Marques da Silva<sup>2</sup>

Imagens: Rodrigo Z. Damiano<sup>3</sup>

O Tapaculo-de-colarinho (*Melanopareia torquata*) é uma ave endêmica do Cerrado (Silva e Bates 2002), ou seja, é exclusiva deste bioma. Ocorre no sul do Pará, Piauí, Bahia, Goiás, Mato Grosso e São Paulo à Bolívia e extremo nordeste do Paraguai (Ridgely e Tudor 1994; Sick 1997). Essa espécie encontra-se na Lista dos Animais Ameaçados de Extinção no Estado de São Paulo (Decreto 42.838 de 04 de fevereiro de 1998) na categoria “em perigo”. Inicialmente a espécie foi classificada como Furnariidae, depois como Formicariidae (Schauensee 1966, 1970) e mais recentemente como Rhinocryptidae. Atualmente é classificada na família Melanopareiidae, na qual é a única espécie da família que ocorre no Brasil.

Habita os campos cerrados, savanas ricas em cupinzeiros e campos sujos, sendo maior a população nos cerrados ralos que nos campos sujos (Sick 1997). Não é muito comum nos campos limpos (Ridley e Tudor 1994). Parece existir variação de comportamento em relação à sensibilidade às alterações do ambiente. Tubelis e Cavalcanti (2000) encontraram diferença na abundância da espécie em áreas de cerrado preservado e alterado. Contudo Davis (1993), na Bolívia, não encontrou diferença e considerou a espécie como ‘quase comum’ na região. De acordo com Stotz *et al.* (1996), *M. torquata* tem sensibilidade média a distúrbios provocados pelo homem.

*M. torquata* é um passeriforme com 14 cm (Sick 1997) e peso de  $15,89 \pm 1,17$  g. Alimenta-se principalmente de pequenos insetos que busca no solo (Sick 1997). Os indivíduos cantam durante todos os meses do ano (Sick 1997), sendo mais fácil ouvi-los do que vê-los (Ridley e Tudor 1994). Muitas vezes nos deparamos com um indivíduo cantando na nossa frente, mas não conseguimos detectá-lo visualmente. Isso ocorre porque a espécie vocaliza no meio ou no alto de arbustos, se deslocando muito pouco. Além disso, sua coloração faz com que seja confundida com a vegetação, o que dificulta a sua detecção. Cantam geralmente uma série de “chip” constante que soa de forma ressonante e alta. Eventualmente, podem emitir um penetrante “churr” (Krabbe e Schulenberg 2003), que parece estar relacionado com a defesa do ninho e/ou comunicação com os filhotes (obs. pess).

Até recentemente pouco se sabia a respeito da reprodução da espécie. Sick (1997) faz apenas um

breve comentário do ovo que se apresenta finamente salpicado no pólo rombo. Houve um registro reprodutivo de uma fêmea com ovos no mês de novembro na Bolívia (Davis 1993). Em 20 de outubro de 2006 foi encontrado o primeiro registro do ninho em uma área de Cerrado na Estação Ecológica de Águas Emendadas, Distrito Federal (Gressler e Marini, no prelo). De acordo com a classificação de Simon e Pacheco (2005) o ninho é fechado e globular e foi disposto em uma moita de gramínea do cerrado *sensu stricto*. O ovo foi chocado por 15 a 18 dias, mas não houve acompanhamento do filhote que foi predado no início do seu desenvolvimento.

Na Estação Ecológica de Itirapina, localizada a 230 km de São Paulo, encontramos dois ninhos de *M. torquata* que foram acompanhados até os filhotes abandonarem o ninho. O primeiro ninho foi encontrado em uma área de 'campo sujo' no dia 12 de novembro de 2007 com dois filhotes bem pequenos. O segundo foi descoberto no dia 19 de novembro de 2007 com dois ovos em área de 'campo cerrado'. Apenas um dos ovos eclodiu no dia 29 de novembro. Os filhotes demoraram entre 12 e 13 dias para abandonarem o ninho. Ambos os ninhos foram construídos em moita de gramíneas, como em Gressler e Marini (no prelo). Seguem algumas imagens do ovo, filhote e do ninho.

Interessante notar que os ninhos são difíceis de serem encontrados, pois são construídos em meio às gramíneas nativas do Cerrado, bem próximos do chão. Essa localização dos ninhos faz com que sejam altamente vulneráveis ao pisoteio por pessoas e animais. Uma cena comumente observada é a pastagem de gado dentro de áreas do Cerrado. Aparentemente essa imagem pode ser "inofensiva", contudo o seu impacto é grande tanto para a comunidade de plantas, como para a de animais que habitam o sub-bosque. As consequências observadas se iniciam com a diminuição da densidade de gramíneas e arbustos que se soma ao pisoteio intenso da área. Com as gramíneas nativas mais ralas, as espécies exóticas como o capim-braquiária (*Brachiaria* spp.) e o capim gordura (